

CONCEIÇÃO G. CORRÊA
ANA LÚCIA MACHADO
DANIEL F. LOPES
Museu Paraense "Emílio Goeldi".

Resumo: Prospecção no lago Cajari, com o objetivo de localizar os restos de antigas estearias descritas por Raimundo Lopes em 1919, bem como, pela análise do material coletado, tentar esclarecer dúvidas sobre sua antiguidade e possíveis correlações com outras culturas pré-cabralinas.

A pesquisa de campo foi patrocinada pelo SPHAN/MPEG e realizada sob a responsabilidade de Mário F. Simões, Conceição G. Corrêa, Ana Lúcia Machado e Renato Sampaio Corrêa (este último falecido durante os trabalhos de campo.) Já apresentados resumo desta pesquisa no Simpósio sobre Ensino e Pesquisa de Arqueologia no Brasil, em São Paulo, 1972 e na Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência em São Paulo, 1977.

Atualmente o projeto está sendo retomado sob a responsabilidade de Conceição G. Corrêa, Ana Lúcia Machado e Daniel F. Lopes.

Raimundo Lopes visitou e descreveu sumariamente as estearias do lago Cajari, por ele localizadas por ocasião da grande seca ocorrida em 1919, quando as águas do lago baixaram a tal ponto que deixaram a descoberto os restos dos antigos esteios e o fundo de lago onde se levantavam as palafitas.

Seus artigos sobre as estearias do Maranhão, embora pioneiros e interessantes, pouco esclareceram no tocante à Arqueologia moderna, deixando dúvida sobre sua origem, filiação e cronologia.

O trabalho de campo por nós realizado no lago Cajari, durante a estação seca de 1971, quando as águas baixaram a 1,50 m, possibilitou a localização da grande esteira da "Cacaria", próximo à cidade de Penalva, como também de uma outra menor, no igarapé do Baiano. Através de mergulhos conseguimos localizar os restos dos esteios de sustentação das palafitas, o que nos permitiu delimitar, com a utilização de estacas de 3 m de comprimento, a área ocupada pelo sítio, além de coletar considerável quantidade de materiais arqueológicos como cerâmica, artefatos líticos e contas de colar.

Ambiente Geográfico

A leste da ilha de São Luís encontra-se a Baixada Maranhense, de origem geológica recente, mal drenada, sujeita a inundações periódicas e sofrendo, em alguns pontos, a influência de água salgada. A cobertura vegetal, de modo geral, é uma hidro-série, que se inicia nos alagados permanentes da parte mais baixa da região e atinge seu clímax na floresta tropical da terra firme.

A Baixada é formada por duas unidades básicas:

Superfície sublitórea de Bacabal – um conjunto de colinas suaves, modeladas nos sedimentos cretáceos da formação Itapecuru. Circunda o "Golfão maranhense" a sul e a leste. Afos solos são Podzólicos vermelho-amarelado e concrecionário laterítico, entre outros. A cobertura vegetal é de mata babaçu e floresta mista latifoliada.

Planície flúvio-marinha do "Golfão maranhense" – região rebaixada e alagadiça dos estuários afogados dos rios Pindaré, Mearim, Itapecuru e Munim. Coberta por depósitos aluvionais recentes, apresenta numerosas lagoas fluviais, extensas várzeas inundáveis e áreas colmatadas. Esta zona está sob influência direta das marés e apresenta, em grande parte, vegetação de mangue.

Segundo Raimundo Lopes, a baixada representa "uma fase de evolução do lago para a planície". Estamos, sem dúvida, na última série de plataforma que se degradaram até o limite atual e essa baixada está se enchendo, progressivamente, de sedimentos recentes.

Um imenso lago ali se forma, parecendo proteger as terras altas da chapada. O lago ajudava o enchimento da imensa bacia que repousava no maciço complexo brasileiro. A massa coloidal de argila, ao contato de agentes naturais de reação, reforça progressivamente. De salgado passa a salobro e depois a um lago de água doce.

Os campos da Baixada maranhense estendem-se ao sul e sudeste do golfão, abrangendo os cursos inferiores do Itapecuru, Mearim, Pindaré, médio Turiaçu e Pericumã.

O regime limnológico da Baixada, no inverno, toma a forma de um imenso lençol de água doce. São os chamados lagos em "rosário". Estes lagos funcionam como coletores de águas fluviais e repiques dos rios que atravessam a região. Tão grande é o volume das águas que transbordam, invadem os campos baixos formando, finalmente, um mar de água doce.

O clima é quente e úmido, com duas estações distintas: a seca, no verão, e a chuvosa, no inverno, correspondendo ao tipo tropical de savana, na classificação de Köppen. As precipitações se prolongam pelo outono, com o período chuvoso de janeiro a julho,

ocorrendo nos meses de março a abril as maiores quedas de chuva (clima AW' – precipitações de verão-outono). A estação seca se prolonga de julho a dezembro, registrando-se em setembro ou outubro a menor precipitação mensal. A temperatura média anual é mais ou menos constante, variando em torno de 26°C, e a amplitude térmica é sempre inferior a 5°C.

Na classificação de Gussen, o clima desta região é do tipo Tropical quente, se seca atenuada, com estação seca curta.

A variada vegetação lacustre, quase sempre embaçada o canoero, cujos campos constituem, em determinada época, espetáculo admirável. O Mururu, o aguapé significando o lotus ou pequena vitória régia, o arroz bravo, os tipos de canaranas, as pariboras ou corticeiras, além de inúmeras ninfélas, utriculárias, salvinis e azeólas, recobrem a superfície das águas e lhe emprestam matizes raros, com suas flores amarelas, lilases e brancas.

Plantas tão diversas, com um sistema de raízes esponjosas formadas de numerosos filamentos cheios de pêlos, retêm toda sorte de sedimentos e pequenos seres, que representam, em grande parte, o "plancton" lacustre. Consolidam-se à superfície e, por vezes, tomam aspecto de ilhas flutuantes.

No verão as águas desaparecem pelos igarapés, para o curso inferior dos rios e vão confundir-se com as águas salgadas do golfo.

Muitas de capões, conhecidas vulgarmente por ilhas e ilhotas, interrompem a monotonia dos campos e tesos.

As carnaubeiras ocorrem nos campos pouco alagados da parte inferior da Baixada, ao passo que o babaçuzeiro impera nas faixas de matas ralas.

Nessas matas também são comuns os murucizeiros, jatobás, angelins, sapucaias e paus de envira. Nos trechos queimados vicejam quabeiros e malvas.

Campos de aspecto uniforme cobrem grande extensão. A paisagem continuamente é a mesma, perfeitamente inclinada, mostrando um tapete de gramínea com alguns brejos. As lagoas possuem flora natante e nas margens juncos e cebola-d'água.

Em certos locais ocorrem pequenas elevações, localmente chamadas tesos, que apresentam uma vegetação arbustiva, a qual fica longe do alcance das inundações.

Palmeiras de babaçu invadem capoeira e terrenos recém-preparados para agricultura.

A fauna lacustre é idêntica em toda região e bastante numerosa.

No fundo das enseadas, surgem bandos de capivaras e lontras, cujas peles são procuradas pelo valor comercial.

Quelônios numerosos têm nos campos o seu habitat. Abundantes moluscos povoam essas águas.

Enxames de insetos, em determinados períodos do ano, maltratam homens e animais. Ofídios são numerosos.

Grande é a quantidade de aves ribeirinhas e lacustre. Nos tesos, sempre aparecem bandos de emas. Nas ilhotas e moites de capim, destacam-se cuculídeos galiformes e variados pássaros próprios do campo.

Histórico

As primeiras penetrações no Município são atribuídas à ação evangelizadora dos padres da Companhia de Jesus, que para ali se dirigiram em busca de riqueza ou de aventura. Procuram se estabelecer em lugar seguro e escolheram um sítio que recebeu a denominação de São Braz, a qual é conservada até hoje. O povoamento do Município tardou um pouco a se processar porque logo alguns moradores se transferiram para outro ponto do território municipal. A este local deram a denominação de São José de Penalva, atualmente Penalva.

Comentava-se a existência de uma habitação lacustre, hoje submersa no rio Cajari, guardando resquícios de uma época de fausto e grandeza.

De simples povoado sem grande importância econômica, o antigo núcleo São José de Penalva experimentou um relativo progresso e em 1871 foi elevado à categoria de Vila, como elemento integrante do Município de Viana. Reconhecida a sua autonomia administrativa pelo então Governador, foi esta Vila, pelo desenvolvimento que estava operando em suas atividades, elevada à categoria de Município, em 1915.

O Município de Penalva acha-se situado a margem do rio Cajari. Como os outros municípios da Baixada, é de configuração desigual. A sede do Município, a cidade de Penalva, está localizada nas seguintes coordenadas geográficas: 3°15'30" de latitude sul e 44°56'30" de longitude W. Gr. Limita-se com os municípios de Pinheiro, Viana, Cajari e Monção. Distância de São Luís 105 km em linha reta, no rumo sul-sudeste. O clima apresenta-se, geralmente fresco e ameno, notadamente no verão. As secas ou baixas de água são

pouco pronunciadas. As chuvas, geralmente, são abundantes e as enchentes regulares não são prejudiciais. Predominam no Município os ventos de leste.

O rio Cajari nasce no lago do mesmo nome e desemboca no lago Viana, depois de um percurso de aproximadamente 16 km. Dista da sede municipal apenas 2 km.

O território do Município de Penalva é drenado pelas bacias do rio Cajari, pelo lago do mesmo nome, pelos lagos Capivari, Lontra e Formoso.

O babaçu, riqueza extrativa de origem vegetal, é a maior fonte de renda do Município. A copaíba, o cumaru e a andiroba são extraídos em pequena escala. As madeiras como pau d'arco, maçanduba, piqui e jutaf oferecem boas perspectivas. Entre as riquezas naturais está a pesca, principalmente nos meses de setembro a dezembro, e as peles silvestres como gato-maracajá e da onça.

O município é servido por linhas de navegação fluvial somente na fase invernal, e por linhas aéreas (táxi-aéreo).

Referências e Pesquisas Anteriores

O Coronel Antonio Bernardino Pereira do Lago, em 1920, ao descrever a área do lago de Viana, cita o lago Cajari, informando que na beira deste lago, em partes que de inverno se cobre d'água, aparecem restos e sinais de que ali houve "edifícios alinhados em forma de ruas".

César Augusto Marques, em 1870, em seu "Dicionário Histórico e Geográfico do Maranhão", fala no verbete que: Cajari – Lago a sul da cidade de Viana. "Antigamente chamava-se Cajarana".

O engenheiro da Companhia Mineração Maranhense assevera existirem neste lago ainda hoje, muitos esteios lavrados, os quais por ocasião de grandes secas ficam descobertos e assim atestam a existência de antigas moradias, que pelo arruamento, claramente visível, indicam ter feito parte de uma povoação, outrora existente à margem de algum rio.

Para Raimundo Lopes, a única pessoa a visitar pessoalmente a estearia do Cajari, foi Celso de Magalhães, em 1879, mas parece que nada chegou a publicar a respeito, salvo uma passagem de um romance seu, onde se refere à "estearia" como tema de crenças regionais.

Raimundo Lopes, resumindo informações na 1ª edição de "O torrão Maranhense", em 1916, registrou que numa enseada de um dos lagos do grupo Maracu – o lago Cajari – uma série de "Alinhamentos" de esteios, cuja ordem indicaria serem restos de habitações. E que encontrou pedaços de madeira e de cerâmica grosseira. A povoação deste local, seria construída em terra firme e, depois invadida por um crescimento das águas. A idéia era boa, mas não passava de hipótese, permitida pela instabilidade hidrográfica da região.

Era muito mais simples comparar a ruína lacustre do Cajari às casas – jiraus. Não precisávamos para isso toda a civilização lacustre pré-histórica: trata-se de uma forma de moradia ainda hoje usada na região.

Mas, só o estudo direto e a investigação arqueológica, poderiam precisar se essas ruínas datam dos tempos coloniais propriamente ditos ou mais provavelmente da época dos jesuítas, não sendo impossível que representassem um produto exclusivo dos selvagens. Sua decadência poderíamos explicar mostrando que dois ou três séculos de abandono seriam mais que bastante para reduzir a antiga aldeia lacustre à ruína total. Portanto, teria sido um tipo de habitação própria sugerida pela própria natureza local, nessas áreas de inundação.

Nas pesquisas de Raimundo Lopes, em 1919, ele fala que em novembro desse ano, o lago Cajari revelava inteiramente os aspectos de sua estearia, bem visível, graças à grande seca. Era o tipo clássico de várzea aluvial, pertencente ao rosário de lagoas do Pindaré e do seu afluente, o Maracú; o lago Cajari tem por afluente o rio do mesmo nome, que deságua junto à vila de Penalva. É um rio jovem, com poucos meandros em alternativas de poções e cortado de lagos, o que, na classificação corrente das teorias de Morris Davis, bem lhe caracteriza esta recente idade fisiográfica. Assim ela poderia ter sido construída numa profundidade muito menor do que a atual.

A escavação do leito fluvial, só pode ter contribuído para a diminuição geral do nível do lago.

Na época em que ele estudou a estearia, ela estava toda visível com seus esteios de fora como se fossem uma imensa floresta morta.

Para Lopes, a enorme extensão, quase 2 km em certas direções da principal ruína, convence de que se trata de uma grande povoação lacustre e a quantidade de cerâmica e de objetos de pedra acusa a atividade de uma população considerável e organizada.

A estearia na sua maior parte é pobre de documentação. Um grupo isolado de esteios, na parte mais afastada das margens encerra-se a quase totalidade dos objetivos. Foi denominado este lo-

cal pelos moradores com o nome de **Cacaria**. Pensa ele ser este local de erosão. Os esteios só podem ser suportes das habitações.

A história e a tradição local concordam em desconhecer a existência desses povos, cujos vestígios encontramos na Baixada Maranhense. A origem da vila de Penalva é antigo aldeamento de Índios Gamellas, posterior à expulsão dos jesuítas. Enquanto outros pontos são citados pelo cronistas como estabelecimentos jesuíticos e, às vezes, com os mesmos nomes atuais, o Cajari não foi, a princípio, colonizado pelos padres.

Dos esforços para a catequese dos bárbaros Guapajáras, resultou a aldeia do Maracú, origem da cidade de Viana, em 1684. No local do Engenho de São Bonifácio, à vista de Viana, encontramos alguns alicerces e vestígios coloniais incluindo cerâmica grosseira que contrasta com a das estearias, o que prova a antiguidade destas, opondo-se inteiramente estas duas culturas colonial, jesuítica e a pré-colombiana, lacustre.

O que já se descreveu dos Tupinambá, nada tem de semelhante à civilização lacustre.

A recuada cronologia relativa das cidades lacustres da Europa, em geral procedentes do primeiro milênio antes de Cristo e cuja conservação foi maior que das nossas, não basta para rebater a objeção, pois a diferença das condições climáticas, a rápida decomposição das madeiras no nosso clima tornam menos aplicável a comparação.

Temos porém, valiosos argumentos diretos como a menção, há um século, dessas ruínas, praticamente com o mesmo aspecto de hoje; a ausência de vestígios da superestrutura só se conservando os esteios e assim mesmo, só na parte que a lama e a água protegem.

Raimundo Lopes fala que não podemos adiantar se a civilização dos lacustres foi uma raiz direta de Marajó ou se coexistiram, divergindo de uma origem comum.

Contudo, apesar da semelhança aparente das planícies alagadas, os fatores físicos bastam para explicar os contrastes. Marajó, isolada no golfo amazônico, não exigia o tipo defensivo de palafitas, para a construção das quais se desviava uma parte da atividade dos habitantes, na baixada continental do Maranhão. É verdade que conhecemos os aterros da grande ilha, mas não propriamente vestígios de habitações dos seus povos. O meio explicaria o desenvolvimento maior, na arte de Marajó, pelas vantagens de sua situação.

Ele fala também dos amuletos – muiraquitãs encontrados em Cajari, semelhantes aos do Baixo Amazonas, Costa Rica e México. Os do Cajari apresentam uma técnica adiantada análoga à do México e Costa Rica. Um dos amuletos do Cajari é de ágata – rocha que se encontra no próprio sertão maranhense.

A Pesquisa Arqueológica

O Projeto visava a pesquisa arqueológica na Baixada Maranhense na região do lago Cajari e trecho do baixo rio Pindaré, no Estado do Maranhão. Tinha por objetivo tentar resolver as controvérsias sobre a origem e antiguidade dos remanescentes culturais encontrados por Raimundo Lopes, em 1919, nas estearias ou palafitas do lago Cajari, bem como estabelecer uma seqüência cultural e cronológica local.

Foram localizadas, delimitadas e pesquisadas as estearias da "Cacaria" e a do "Igarapé do Baiano", ambas noticiadas por aquele autor, como vimos anteriormente. A primeira era maior e principal do lago, enquanto a segunda pela localização, área de ocupação e raras evidências arqueológicas, provavelmente, local de habitação temporária para pesca e coleta.

Tendo sido escolhida a estação seca para os trabalhos de campo, foi possível proceder a pesquisa e a coleta do material do fundo do lago, considerando a profundidade não exceder a 1,20 m. Com estacas de 3 m de comprimento foi delimitada a área da estearia da "Cacaria", a maior e mais importante, situada no lago Cajari, nas proximidades da cidade de Penalva. Cada estaca era enterrada junto ao que restava dos esteios de sustentação das palafitas, resultando um conjunto de centenas de estacas, servindo para indicar a área ocupada e as distâncias entre cada esteio.

A área mostrou-se ligeiramente circular, medindo cerca de 130 m no maior eixo. Os esteios de sustentação distavam entre si, em média, 2 m. Atualmente reduzidos à parte enterrada no fundo do lago, os esteios têm diâmetro de 30 a 35 cm, apresentando-se relativamente conservados. Dois destes foram retirados para identificação taxonômica e possível datação. Ambos, segundo o Dr. Calvino Mainieri, foram identificados como "pau d'arco" (Tebeuia sp.)

O fundo do lago, na parte ocupada pela estearia, estava totalmente coberto por fragmentos de cerâmica, vasos semi-inteiros, dificultando pisar e caminhar. De pontos selecionados foi coletada grande quantidade de fragmentos e vasos de cerâmica semi-inteiros, inúmeros líticos, amostras de solos e restos de madeira queimada e carvão.

A cerâmica do Cajari é acordelada temperada com areia, cacos moldos, conchas moldas e mais raramente caixi, mostra geralmente núcleo escuro e preto (oxidação incompleta) em superfícies escuras com forte impregnação de óxido de ferro, pela longa permanência no fundo do lago. As formas compreendem vasos globulares com gargalo, panelas de boca ampliada semi-esféricas e em meia-calota e tigelas. São comuns adornos modelados, geométricos e zomorfos aplicados à borda ou no corpo do vasilhame. Alguns fragmentos apresentam bordas acasteladas. A decoração resume-se a modelado (adornos e asas) e mais raramente o banho vermelho sobre branco (amarelado pelo óxido de ferro).

Presença de grelhas ou assadores circulares, rodela-de-fuso e vasos miniaturas. Artefatos líticos como bateadores de seixos, abrasadores de seixos e de arenito com caneluras, machados polidos, contas cilíndricas, pequenas lascas como faca e raspadores, moedores e quebra-cocos.

Da análise dessas evidências resultou a identificação da fase Cajari, relacionada à cultura das estearias maranhenses. A aldeia da fase Cajari, a julgar pelo sítio-tipo da "Cacaria", abrangia área elíptica irregular de cerca de 8.000 m², com os esteios de sustentação do tabuado em troncos de "pau-d'arco". Acima do nível máximo das águas estendia-se o tabuado ou piso, sobre o qual, provavelmente, se distribuíam as cabanas.

Uma única datação por C₁₄ acusou uma antiguidade de A.D. 570, para a estearia da "Cacaria".

A presença de grelhas implica na utilização da mandioca ou outro qualquer tubérculo, raiz ou coco, sob forma de bolo ou de farinha na alimentação, enquanto as rodela-de-fuso sugerem fiação de fibras ou algodão para confecção de linhas, cordas e redes, o que parece evidenciar uma subsistência voltada para a pesca e agricultura. Apesar de contemporânea com algumas fases da ilha de Marajó, não há entre a fase Cajari e as antigas culturas daquela ilha qualquer correlação cultural, como sugerida no passado.

De outros sítios da região, um único foi localizado na parte de terra firme e distante do lago, revelando cerâmica temperada com cariapé, de forma e decoração distintas daquelas das estearias. No baixo Pindaré nenhum sítio foi encontrado.

Praticamente este trabalho foi uma pesquisa subaquática, inédita, que levou-nos ao conhecimento arqueológico da baixada maranhense, área até então, ao que se sabe, não pesquisada, como ocorre em todo o Estado do Maranhão. Daí a importância da pesquisa tendo em conta sua posição geográfica entre a Amazônia e o Nordeste. Conseguiu-se assim apresentar dados mais concretos e abrangentes da cultura das estearias do lago Cajari, no Maranhão, o que representa uma contribuição à Arqueologia regional.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARBOSA, Getúlio V. & PINTO, Maria B. "Geomorfologia". In: **Projeto Radam. Levantamento de Recursos Naturais. Ministério das Minas e Energia, DNPM.** Rio de Janeiro, 1973, 3º vol. II, 15-16

DOMIGUES, Alfredo José Porto & KELLER, Else Coelho de Souza. Grande Região Nordeste (O meio Norte). **Enciclopédia dos municípios**, IBGE, Rio de Janeiro, 1957, vol. 3.

FERNANDES, J. Silvestre. "Baixada Maranhense". In: **Bol. geográfico, Cons. Nac. Geografia**, Rio de Janeiro, ano V, nº 53. Agosto/1947. pp. 545-558.

IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro, 1957, vol. III e XV il.

LEAL, Mário de Aguiar Pires et al. **"Novo Zoneamento do Estado do Maranhão"**. São Luís, SUDEMA. 1970.

LOPES, Raimundo. A civilização lacustre do Brasil. In: **Bol. do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, 1924a, 1(2):87-109.

_____. A Natureza e os monumentos culturais. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, 1938, 1-30, il.

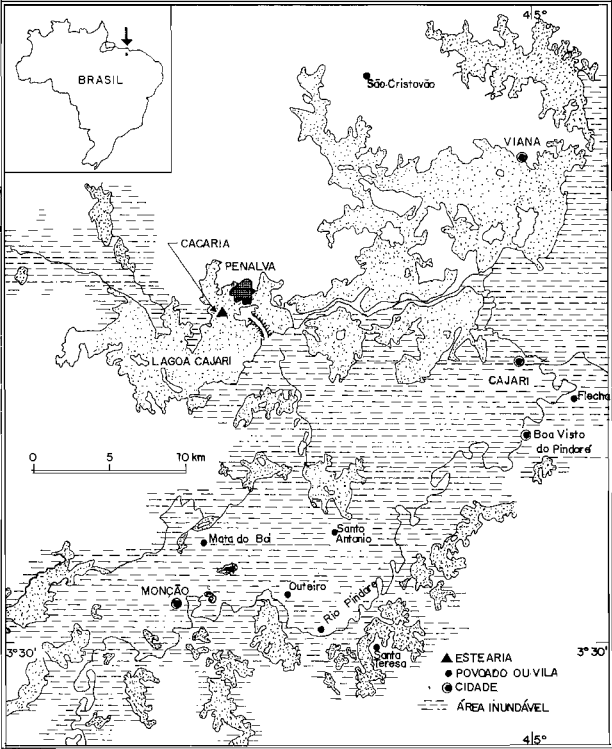
_____. Antropogeografia. **Publicações Avulsas do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, 1956 (18):298.

_____. O torrão maranhense. In: **Uma Região Tropical** Rio de Janeiro, 1970.

_____. Sobre as palafitas do Maranhão. In: **Annaes do XX Congresso Internacional de Americanistas**. Vol. II, 2ª parte, Rio de Janeiro, 1982.

MARQUES, César Augusto. **Dicionário histórico geográfico da Província do Maranhão**. Rio de Janeiro, 1970. FONFON e Seleta. 634, 45 p. (coleção São Luís, 3).

SIMÕES, Mário F., CORRÊA, Conceição G. & MACHADO, Ana Lúcia. Pesquisa Arqueológica nas Estearias do Lago Cajari, Maranhão. In: **Resumo da 29ª Reunião Anual da SBPC**. São Paulo, 1977:161-2.



TRECHO DA BAIXADA MARANHENSE COM A LOCALIZAÇÃO DA ESTEARIA DA CACARIA (MA-SI-1). (BASEADO NAS CARTAS PLANIMÉTRICAS ELABORADAS PELO PROJETO RADAM. FOLHAS SA 23-Y-D E SA. 23-Z-C. 1973)